



A DIMENSÃO BIOGRÁFICA DO CORPO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: RELATO DE DOIS EXPERIMENTOS DE PESQUISA

Dnda. Andrisa Kemel Zanella/PPGE/UFPEL

Agência Financiadora: Bolsista CAPES

Resumo:

Este texto traz dois experimentos realizados com acadêmicas do Curso de Pedagogia de uma Universidade Pública do Rio Grande do Sul, dentro de uma pesquisa maior que tratava dos processos (auto)formadores a partir das intimações dos reservatórios do imaginário. Tem como principal eixo teórico a dimensão biográfica do corpo. A ideia de desenvolver os experimentos apresentados surgiu da necessidade de buscar indícios para pensar e problematizar o objeto de estudo de uma pesquisa de doutorado em andamento. A discussão alicerça-se em dois trabalhos práticos focados no corpo. A arte cênica, por meio de jogos e encenação teatral, foi o instrumento escolhido a direcionar o trabalho. Dentre os autores a embasar a discussão encontra-se: Araújo (2000); Lima e Silva; Almeida; Romero e Beresford (2004); Strazacappa (2001) com aportes referentes ao corpo no espaço educacional; e, Bois (2008), Josso (2009), Queré (2008), Bois e Austry (2008) à dimensão biográfica do corpo. A escrita foi dividida em três momentos: 1) o corpo na formação de professores; 2) os dois experimentos realizados, com a apresentação do trabalho desenvolvido e os seus achados; 3) Os indícios encontrados durante o desenvolvimento das experimentações e sua contribuição para a pesquisa de doutorado em andamento.

Palavras-Chave: corpo; dimensão biográfica do corpo; formação inicial de professores

Este texto tem por objetivo apresentar e problematizar a cerca da dimensão biográfica do corpo, a partir de dois experimentos realizados com acadêmicas¹ do Curso de Pedagogia de uma Universidade Pública do Rio Grande do Sul. Cabe ressaltar que esta inserção na formação inicial de professores por meio de atividades voltadas ao corpo surgiu da necessidade de buscar indícios para pensar e problematizar o objeto de estudo de uma pesquisa de doutorado em andamento², bem como, elaborar o caminho metodológico a ser utilizado posteriormente.

Diante disso, investiu-se em um trabalho prático, focado na questão corporal, como ponto de partida para fomentar as discussões a cerca da temática pesquisada, como também,

¹ Utilizo o termo “acadêmicas”, pois o grupo era formado somente por mulheres.

² A pesquisa de doutorado tem por objetivo investigar a relação entre o imaginário e o corpo biográfico a partir de uma prática com a linguagem teatral improvisada, voltado diretamente para a ativação da memória corporal. A orientadora da pesquisa é a Profª. PhD. Lúcia Maria Vaz Peres.

inserir-se no contexto e interagir diretamente com o público alvo da pesquisa: acadêmicas do Curso de Pedagogia. Como referências a embasar a discussão em torno do corpo e sua dimensão biográfica trago os seguintes autores: Araújo (2000); Lima e Silva; Almeida; Romero e Beresford (2004); Strazacappa (2001) no que concerne ao corpo no espaço educacional; e, Bois (2008), Josso (2009), Queré (2008), Bois e Austry (2008) em relação a dimensão biográfica do corpo.

Em um primeiro momento será abordado o corpo na formação de professores, justificando as escolhas apoiadas em uma trajetória de pesquisa. Em seguida o foco será os dois experimentos realizados, com a apresentação do trabalho desenvolvido e os seus achados. Para finalizar, os indícios encontrados e sua contribuição para a pesquisa de doutorado em andamento.

Por que o corpo na formação inicial de professores?

Na cultura ocidental, a supremacia de paradigmas que privilegiaram o pensamento analítico, do estatuto da razão como único legitimador do conhecimento verdadeiro, incidiu na subestimação, ofuscamento e até a denegação do corpo³. Esta concepção resultou numa interpretação do homem e do universo baseada em “leis naturais”. A abordagem do corpo limitava-se a um conjunto de órgãos que estavam interligados por leis biofísicas (numa perspectiva anatômica, mecânica, fisiológica, bioquímica...), segundo ressalta Lima e Silva; Almeida; Romero e Beresford (2004). Esse olhar sobre o corpo reforçou a dicotomia entre corpo e alma instituída a partir dos estudos de René Descartes. Para o pensador, em seu livro “O discurso do método”⁴ fica claro esta dicotomia, ao considerar o pensamento e o mundo físico na vida do ser humano, mas como substâncias independentes. Ele coloca: “compreendi, então, que eu era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de lugar algum, nem depende de qualquer coisa material”.

Esta subestimação prevaleceu também no contexto escolar, associando a ideia de corpo apenas a sua anatomia e a uma abordagem mecânica, de um corpo-objeto, direcionada a ouvir e executar funções, ou seja, a favor da razão. Por mais que haja todo um discurso que incentive trabalhar com a corporeidade do aluno estimulando-o a “ser espontâneo, vivo, dinâmico, capaz de exteriorizar seus pensamentos, sentimentos e sensações.” (REVERBEL, 1989, p.36) o paradigma dominante da razão ainda tem força no campo educacional.

³ Ideia retirada do texto escrito por Araújo (2000) intitulado **Os sentidos do corpo**.

⁴ (Versão digital disponível em:<hppt://www.LivrosGratis.net.pdf>, p. 11).

Tal constatação pôde ser observada quando ao ingressar na escola, como estudante de Artes Cênicas, tive a oportunidade de inserir-me neste contexto como ministrante de oficinas teatrais para alunos e professores de escolas públicas e privadas. Nas inserções nas escolas, chamou-se a atenção o fato do teatro ser considerado algo recreativo e o corpo como coadjuvante no espaço educacional. Observei nas instituições onde trabalhei que haviam momentos instituídos para o trabalho com o teatro (resumido a datas comemorativas) e de expressão do corpo de maneira mais espontânea. A maior parte do tempo, a atenção voltava-se a execução de ações pontuais, com o objetivo de “aquietar”⁵ o corpo como um todo. O movimento do corpo - meio de comunicação, percepção e ação do Homem no mundo – era deixado de lado no processo de aprendizagem, privilegiando somente o ato de ouvir e executar tarefas.

Insatisfeita com a maneira que o teatro era abordado e como o corpo era tratado no contexto educacional, comecei a trabalhar com a formação inicial e continuada de professores, pois acreditava que para haver uma nova abordagem do corpo no contexto educativo seria necessário promover ações também com os professores. Apostava na ideia de que a partir de um trabalho prático e sistemático, tanto na formação inicial quanto na formação continuada, seria possível conscientizar que o teatro, como área de conhecimento e o corpo, como elemento essencial no processo de aprendizagem, poderiam estar presentes na formação do ser humano, haja vista a importância desses saberes.

Motivada pela experiência vivida, realizei uma pesquisa em nível de mestrado com acadêmicas do Curso de Pedagogia focada nas representações em torno do teatro antes e depois de cursarem a disciplina específica com a linguagem teatral. A investigação realizada no âmbito da formação inicial de professores proporcionou-me acompanhar a relação das acadêmicas com o teatro, as representações instituídas e como estas representações foram sendo modificadas no decorrer da disciplina, bem como, estar atenta as manifestações corporais de cada pessoa.

No entanto, como o foco da pesquisa estava centrado nas representações, não houve espaço, naquele momento, para uma discussão mais aprofundada em relação às questões corporais. Esse fator despertou o interesse em desenvolver um trabalho em que o corpo fosse o foco principal, pois percebi, motivada pelas minhas experiências anteriores e pela pesquisa de Mestrado, que ao propor jogos direcionados para a exploração corporal muitos elementos

⁵ Aquietar segundo estudo realizado por Márcia Strazacappa (2001) no artigo “A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola” equivale a “disciplinar”, visto que a noção de disciplina no espaço escolar no decorrer dos tempos vem sendo entendida “como um ‘não movimento’”, segundo a autora.

vinham a tona. Assim, os momentos vividos ao longo da vida dos sujeitos envolvidos nessa experiência presentificavam-se e (re) significavam-se, a partir do que era vivido. Seria o trabalho com jogos um caminho à dimensão biográfica do corpo?

Assim, intimada pelas observações e indagações surgidas no decorrer de minha prática, passei a investigar sobre o assunto⁶, levando-me a direcionar meus trabalhos e pesquisas para este foco. A intenção foi pensar outras propostas à formação humana, especificamente, a formação do professor, atribuindo status e importância ao corpo e sua dimensão biográfica.

Nesta perspectiva falar em corpo é considerá-lo em sua inteireza, possuidor de uma memória inscrita em sua carne que revela um universo particular e ao mesmo tempo plural da maneira como cada ser humano se constitui no decorrer de sua vida. Podemos associar esta concepção de corpo a ideia de habitáculo de todas as representações que nos remete a ele como “suporte” (JOSSO, 2009, p. 123) onde ficam registradas as experiências humanas, ao mesmo tempo em que se torna protagonista das assimilações e acomodações de elementos conhecidos e não conhecidos. Desta maneira, o corpo conforme ressalta Bois (2008, p. 47), “é suporte tanto do ‘ser percipiente’ e do ‘ser sentiente’ como do ‘ser pensante’”. Por isso sua importância na formação humana, pois traz consigo outras dimensões que dilatam a relação do ser humano com/no mundo.

Nesta mesma linha de pensamento, encontramos os estudos de Queré(2008, p. 207). Segundo a autora o corpo pode ser comparado a uma caixa de ressonância de nossa história individual. Ela ressalta que a repercussão do que sentimos depende da cultura, da infância, do ambiente e da relação que cada um estabelece consigo mesmo e com o mundo a sua volta. Cada traço da experiência vivida vai participar “da constituição da singularidade do sujeito. É dessa singularidade que o nosso corpo é portador”.

Assim, abrir espaço para esta outra abordagem do corpo no contexto educacional foi o que me motivou a investir em um trabalho na formação inicial de professores. Um corpo que é carne, mas que também é sensível, pelo fato de emergir de um contato íntimo e direto da pessoa consigo mesma, com os outros e com o mundo a sua volta (BOIS, AUSTRIA, 2008), um corpo que se constrói nas interações do sujeito ao longo de seu trajeto formativo. São essas interações que ficam na memória do corpo, registradas no reservatório de cada pessoa

⁶ As investigações sobre o assunto me levaram ao trabalho desenvolvido por Danis Bois e Marie-Christine Josso sobre o corpo e sua dimensão biográfica. Bois foi quem desenvolveu o conceito de Corpo Biográfico a partir de suas pesquisas com a fascioterapia e a somato-psicopedagogia. Outros estudos em torno deste eixo epistemológico vem sendo trabalhadas por Josso e outros autores também. Desde o II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA), realizado em Natal/RN (2008), as produções com essa temática começaram a ter maior visibilidade no Brasil.

através de sensações, impressões, sentimentos, imagens e gestos. E que poderão ser resgatados posteriormente, através de uma escuta do que emerge de si.

Diante do reconhecimento de que o corpo tem uma memória, passei a investigar uma maneira de acioná-la, utilizando a minha experiência com o teatro. Buscava conscientizar sobre o papel das experiências vividas na construção da biografia do corpo e dar vazão para a subjetividade corporal de cada pessoa. Para aprofundar questões relativas a esta proposta rumo à elaboração de uma Tese de Doutorado, surgiu a necessidade de realizar os dois experimentos aqui evidenciados, como um caminho para buscar indícios relevantes para o aprofundamento da temática proposta.

A ideia de indício está fundamentada no paradigma indiciário de Carlo Guinzburg (1989). Este paradigma se caracteriza como um tipo de saber que busca sinais e pistas para decifração de uma realidade aparentemente opaca. Ou seja, não experimentada ou perceptível diretamente pelo observador.

Para Guinzburg as origens deste paradigma remontam à evolução da humanidade. Emergiu no âmbito das Ciências Humanas, somente no século XIX, baseado no modelo de semiótica. Este dado é levantado pelo autor a partir de seus estudos com o foco centrado na análise comparativa de práticas indiciárias desenvolvidas por Giovanni Morelli, Arthur Conan Doyle – criador do personagem Sherlock Holmes e Freud. Tais práticas baseavam-se no modelo da semiótica médica, ou seja, “uma disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis a observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos do leigo” (op.cit., p. 151). Nos três casos o autor observa que pistas infinitesimais possibilitam captar uma realidade mais profunda, que de outra maneira seria inatingível. Estas pistas foram denominadas de sintomas para Freud, indícios para Holmes e signos pictóricos para Morelli.

Para captar uma realidade mais profunda é necessário, conforme Rodrigues (2005)⁷, sobre os pressupostos de Guinzburg, “transformar a realidade num enigma, duvidar do óbvio e tratar a prova e a retórica como partes integrantes e importantes de um mesmo processo” (p. 220). Um processo que num primeiro momento pode se apresentar de difícil compreensão, mas que a partir de pontos privilegiados, que seriam os indícios, torna-se possível desvendar o que num primeiro momento era indecifrável. Isto porque, os dados levantados segundo Guinzburg (1989), “são sempre dispostos pelo observador de tal modo a dar lugar a uma seqüência narrativa, cuja formulação mais simples poderia ser ‘alguém passou por lá’” (p.

⁷ Autora comentadora da obra do referido autor.

152). É pela observação atenta e o registro minucioso de todos os indícios que é possível elaborar “histórias” precisas de cada realidade investigada.

Desta maneira, os experimentos foram realizados com o intuito de buscar indícios para a pesquisa de doutorado tiveram o seguinte direcionamento: 1) desenvolver um trabalho com a linguagem teatral tendo como foco a experientiação e percepção corporal, partindo da ideia de que ao tomar consciência do corpo é possível apropriar-se dele; 2) Experientiar modos de dizer e pensar sobre si a partir do corpo, bem como visibilizar as memórias corporais que emergiram com o trabalho.

A inserção no contexto da formação inicial de professores a partir de uma proposta focada no corpo e sua dimensão biográfica proporcionou-me indícios de grande relevância para problematizar o objeto de estudo e elaborar um caminho metodológico a ser utilizados posteriormente. A seguir compartilho tais experiências, destacando ao final deste texto, nas considerações, os indícios encontrados. A primeira, intitulada “**O que o corpo fala?**”, foi realizada no 1º semestre de 2009 e a segunda, “**O corpo na narração de si**”, no decorrer do segundo semestre de 2010.

O que o corpo fala?

“O que o corpo fala?” foi o experimento a marcar as primeiras investigações em torno do corpo e sua dimensão biográfica, desenvolvido como um exercício da Prática de Pesquisa⁸, atividade relacionada ao Curso de Doutorado em Educação. O exercício teve por objetivo realizar um trabalho em torno da temática da pesquisa de doutorado em questão, em um projeto de extensão com 7 acadêmicas do Curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior.

Diante da intimação em fazer o experimento, elaborei uma proposição de trabalho com vivências corporais, com foco voltado a aproximação das acadêmicas com o seu corpo e sua corporeidade. Esse direcionamento enfatizou a experientiação e percepção corporal, partindo da ideia de que ao tomar consciência do corpo é possível apropriar-se dele.

A proposta de trabalho contemplou dois momentos: a vivência, em que se buscou propiciar um espaço de experimentação sem uma intenção definida para que as acadêmicas pudessem explorar diversas possibilidades com o seu corpo sem planejar previamente; e a produção de escritas em relação ao vivido, direcionada para a seguinte pergunta: o que o corpo me fala?

⁸ A Prática de Pesquisa consiste em uma proposta de trabalho em que o acadêmico participa de pesquisas desenvolvidas pelo seu/sua professor(a) orientador (a).

A vivência caracterizou-se pelo trabalho corporal com o objetivo de dar vazão para as imagens, sensações, sentimentos, lembranças de cada acadêmica. A abordagem esteve voltada para a seguinte questão: “o que o corpo me fala?”. O jogo dramático foi o meio escolhido para o sujeito olhar para si e vasculhar nos guardados de suas experiências, as vivências que foram fundantes ao longo de sua vida.

Trabalhei com jogo dramático baseado na concepção de Olga Reverbel e Viola Spolin principalmente. O jogo dramático, a partir da definição de Nunes(2003) estudiosa das autoras citadas, tem como objetivo o desenvolvimento da totalidade da pessoa, tanto no campo físico como emocional. A base, cujo elemento principal é o jogo de faz-de-conta, é centrada na improvisação de ações que são executadas pelos jogadores, com o intuito de propiciar trabalhar a percepção de si, do outro e da realidade que estão inseridos.

O trabalho iniciou com um jogo de apresentação. Cada acadêmica deveria fazer um gesto que a representasse. A partir desse jogo foi feito o seguinte questionamento: por que eu escolhi esse gesto para me representar? Uma das participantes manifestou pela escrita a escolha do seu gesto.

Acredito na força das palavras! Mas acredito que elas ficam mais fortes quando acompanhadas de (diferentes) olhares e gestos. Escolhi este gesto porque, sempre que falo, uso as mãos para me ajudar. São elas que, muitas vezes, dão o tom para meu assunto. É um gesto simples, que caracteriza/representa muitos outros usados a cada conversa, briga, reivindicação, momento de euforia. Enfim, minhas mãos são uma extensão de minha boca, e me ajudam muito em meus diálogos (Helena⁹).

Pelo relato de Helena é possível reconhecer a força e a potência da linguagem gestual. Os gestos apresentam-se como detonadores de imagens que muitas vezes a palavra não consegue traduzir. Ao enfatizar o gesto, a intenção esteve voltada para o universo simbólico que motiva as ações de cada ser humano e o constitui, voltando a atenção para a representação que este tem de si e do mundo em seu entorno.

No momento seguinte foi realizado um exercício de interiorização e reflexão corporal, bem como de exploração das partes do corpo através do toque, de alongamento e de movimentos. O objetivo esteve centrado em estimular as acadêmicas no sentido de possibilitar apropriações sobre como estavam percebendo e sentindo aquele momento de intimidade com o corpo, abrindo espaço para uma abordagem direcionada à dimensão fenomenológica, centrada no corpo como elemento principal na aprendizagem e fonte de conhecimento, que se

⁹ Utilizam-se ao longo do texto nomes fictícios para as acadêmicas participantes desta proposta de trabalho.

dá na experiência, pela mediação corporal, e cria as condições de entrelaçamento entre o “eu conhecedor” e o “eu perceptivo”.

Esta concepção foi amplamente trabalhada por Bois que desenvolveu um método que prova que é possível a partir da experiência corporal construir um conhecimento e um pensamento que parte do próprio corpo. Para Bois (2008, p. 66), “o corpo está no centro do nosso processo investigativo. É ele que permite ligar o indivíduo ao sentido dos acontecimentos da vida, que é o campo da atualização, no presente, da vivência de um acontecimento passado”.

O sujeito ao colocar-se num processo de observação de si, tem a possibilidade de acessar um conhecimento “imaneente corporizado” palavras de Bois, que nasce da experiência do momento vivido no aqui-agora.

Trata-se de um conhecimento experiencial que oferece vivências interiores significantes. Como é que este pensamento que se deixa pensar através de uma relação corporal se revela à consciência daquele que a vive? O conhecimento imaneente elabora-se na matéria silenciosa. Vista desta maneira, a autorização *noética* do sensível consiste em “deixar-se pensar” ou em “deixar-se reflectir” e não tanto em pensar ou reflectir “sobre qualquer coisa”. O corpo habitado não é apenas sede de uma fusão de sensações, nem de variações de tonalidades, mas é um lugar de emergência de uma forma singular do pensamento que acontece na vida imediata da vivência corporal (BOIS E RUGIRA, 2006, p.3).

Para Laura, a “voz de seu corpo” levou-a a fazer a seguinte reflexão:

hoje somos meio máquinas, tomamos banho sem sentir que neste momento estamos “acariciando” nosso corpo, penteamos o cabelo sem nos darmos conta que estamos tocando parte do nosso corpo; vestimos, comemos e falamos como máquinas. No momento que somos “convidados” a tocar e sentir nosso corpo, é que nos damos conta dele e tocar cada parte deste corpo, sinto uma sensação de bem estar e conforto, bem como uma forte vontade de continuar tocando meu corpo que a tanto tempo não parava para fazê-lo. Deveríamos fazer esses exercícios mais vezes para podermos sentir sensações e lembrar que fazemos esses gestos automaticamente sem nos darmos conta. Gostei deste momento e me senti em paz.

A atividade que marca o terceiro momento do trabalho foi caracterizado pela utilização de diversos objetos, com o objetivo de observar o que a interação com eles suscitava nos corpos das estudantes durante o jogo. Cabe ressaltar que além dos objetos que haviam sido escolhidos e espalhados sem uma intenção pré-estabelecida, as acadêmicas também trouxeram objetos que marcaram a sua história de vida. Sofia compartilhou com o grupo participante do trabalho o motivo, bem como, as impressões de interagir com o seu objeto pessoal.

O objeto que eu escolhi foi a boneca da Mônica, a qual eu ganhei quando eu fiz o meu 1º aninho. Adorei a oportunidade de poder estar revivendo alguns momentos da minha infância, pois cada gesto, cada movimento me fazia lembrar das brincadeiras, dos diversos cheiros, dos sabores que sempre se fizeram presente na minha infância. A boneca da Mônica sempre me acompanhou, e com ela vivenciei as mais diferentes situações, ela era a minha companheira para os banhos de piscina, para as escavações na areia, na hora das refeições. Foi um momento muito gostoso. Por mais que nem todas as lembranças sejam boas, é sempre muito bom lembrar. (SOFIA)

O trabalho foi finalizado com uma roda de conversa, momento em que as acadêmicas compartilharam suas impressões e opiniões sobre a experimentação corporal. Este momento culminou em uma escrita que contemplou a questão já referida anteriormente: o que o meu corpo me fala?

Para Afrodite os dois encontros foram muito bons, porém ela destaca o último como o melhor.

Desde que me tornei mãe, isto a 9 anos atrás, não consigo imaginar e pouco me lembro da minha vida sem a companhia do meu filho. E hoje não foi diferente, lembrei de momentos marcantes junto a ele. Quando rolei no chão lembrei de quando vamos para fora – no interior, e brincamos juntos de descer a ladeira coberta de capim/grama, rolando junto, ou ainda quando brincamos de “rolo-compressor”, onde um vem de encontro ao outro na cama e quem é mais rápido passa por cima do outro. Às vezes quando to assistindo TV ele me convida: “mãe vamos nos divertir?” e lá vamos nós brincar de cosquinhas, rolo compressor, guerra de travesseiro... É muito bom. Outra coisa que chamou minha atenção foram as bolachas Marias. Lembrei das merendas que comia na escola, as bolachas eram ótimas, mas o leite era terrível! Hoje vi que ainda tenho muito pique e que ainda vou brincar muito!

A experiência com o corpo propiciou às acadêmicas garimparem os seus reservatórios interiores, num processo de reconhecimento, reflexividade e apropriação das experiências que deixaram marcas em sua trajetória de vida. Por meio dos jogos, um processo de ativação da memória foi instaurado. Pelo ato de jogar foi possível presentificar em cena as experiências vividas anteriormente e que deixaram marcas em suas vidas.

O corpo na narração de si

O segundo experimento, “O corpo na narração de si” foi realizado como atividade de um projeto de extensão. O projeto teve como objetivo retomar o trabalho sobre a reconstrução da trajetória educativa do aluno em formação inicial do Curso de Pedagogia de uma

Universidade Pública, buscando interfaces com linguagens da arte e do imaginário. Participaram do projeto, 20 acadêmicas do 2º e 4º semestre do Curso de Pedagogia.

Como ministrantes do projeto, desenvolvi atividades direcionadas para a narrativa de si através dos gestos. Esta experiência foi muito significativa para a pesquisa de Doutorado em andamento. Digo isso, pois percebi que a proposta focada na re-invenção de modos de dizer e pensar sobre si a partir do corpo proporcionou não apenas trabalhar aspectos simbólicos da formação escolar, mas também foi detonadora para a emersão de memórias esquecidas ou que nunca haviam sido pensadas pelas acadêmicas. Ocasionalmente assim, um (re)conhecimento de outros momentos fundantes em seus trajetos formativos.

A proposta de atividade girou em torno de fotografias, de encenação teatral e escritas direcionadas a experiência vivida. Foi solicitado num primeiro momento fotos de escola, porém quem não tivesse fotos poderia fazer uma montagem ou mesmo levar uma imagem que estivesse associada às memórias deste período.

O exercício com as fotografias caracterizou-se por evocar lembranças do período escolar. Cada acadêmica deveria mostrar a foto que havia levado, contando porque havia escolhido e quais eram suas lembranças. Para K.¹⁰, compartilhar suas memórias foi uma experiência muito significativa.

Quando comecei a mostrar as fotos e contar aqueles momentos da minha história, me veio em mente muitos outros que me marcaram...e parece que quanto mais eu contava, me expressava, falava, vinha mais e mais momentos em meu pensamento, e por mim, eu poderia ficar horas e horas contando acontecimentos da minha infância, foi essa a vontade que senti.

K. demonstra em seu relato um envolvimento com a atividade. Envolvimento também percebido no restante do grupo, que conforme escutava as lembranças, compartilhava outras memórias que foram relembradas a partir da sua narrativa e da narrativa das colegas em relação às fotografias. Conforme ressalta Delory-Momberger (2008) este rememoração se deve ao fato de que a compreensão de uma narrativa pessoal é enriquecida a partir da escuta ou leitura da narrativa do outro. Desta maneira, escutar o outro é uma maneira de experimentar a própria biografia. Neste caso, ouvir as memórias das colegas proporcionou lembrar de acontecimentos que muitas vezes haviam sido esquecidos.

No contexto proposto pelo projeto de extensão, as fotografias foram dispositivos evocadores de lembranças, proporcionando às acadêmicas lembrar o dia ou o evento

¹⁰ Usarei somente letras para identificar as participantes do projeto.

fotografado, deparar com a criança que um dia foram, bem como recriar, pela narrativa, a cena vivida “pela primeira vez em sua emergência de origem” (DELORY-MOMBERGER, 2010, p. 102). Isto é, a partir de um olhar mediado pelas intimizações do aqui e agora e pelo trajeto de vida.

Isto pode ser evidenciado na escrita de C. que descreve que o trabalho encaminhou a outro olhar para a foto. Um olhar reflexivo do passado para o presente, da pessoa que é para a criança que foi. *“Representar a C. da foto foi difícil, pois percebi que a reação do meu corpo naquela imagem continua até hoje. Não digo que aprendi, mas sim, que venho aprendendo. Venho aprendendo a ouvir, a dividir meus guardados, a me remexer...”*

Esse fragmento além de ilustrar a reflexão de C. diante da sua foto, já anunciou a próxima etapa do trabalho, que foi representar corporalmente a foto apresentada. No entanto, essa representação deveria ser em grupo e estar inserida numa história, escrita e publicada posteriormente no blog do projeto de extensão, que englobasse as memórias de todas as pessoas que faziam parte do grupo. Após algum tempo de preparação, cada grupo apresentou para as demais colegas.

Cabe ressaltar que a encenação teatral foi o instrumento escolhido para trabalhar a narrativa de si através do gesto, num processo de experimentação corporal, e, conseqüentemente, de presentificação das memórias da escola.

Na escrita de D. é possível perceber como o seu grupo se mobilizou para criar a história.

Nossa idéia foi de a partir da experiência de cada uma ligar com a da outra. Foi bárbaro juntar a minha infância agitada com a da furiosa C., a sonhadora L., com a tímida G. e ir de encontro com a agitada, furiosa e frágil A. Nossas infâncias felizes e nem tão isoladas histórias de vida.

Já o enfoque da escrita de G. foi direcionada para suas impressões em relação ao trabalho. *“No inicio fiquei assustada por ter que representar, mas depois tentei me soltar e aproveitar o momento para fazer algumas peraltices que não fiz na escola...”*

Recriar corporalmente a cena da foto caracterizou um momento de intensa entrega ao trabalho e de um processo de rememoração que agregou a memória emotiva, imaginativa e sensorial¹¹. Ou seja, emotiva ao englobar lembranças, sentimentos, impressões e sensações quando a imagem foi apresentada ao grupo. Imaginativa diante do desafio de criar uma

¹¹ Baseio-me em Momberger (2010) para expor sobre essas três memórias. A autora busca em Jean-Yves e Marc Tadié teorizar a cerca da fotografia e da memória.

história que representasse as fotos. E a memória sensorial no sentido de fazer reaparecer os sentimentos no momento que a foto foi tirada.

Considero necessário ressaltar que o portfólio foi a fonte inicial onde as acadêmicas foram buscar momentos que gostariam de revisitar. No entanto, a proposição de narrar-se a partir das linguagens da arte, no caso relatado acima, através da arte dramática, encaminhou a um processo de cutucar memórias adormecidas e visibilizar tantos outros momentos significativos e marcantes na sua constituição como pessoas e que não estavam presente na escrita do portfólio.

Para Momberger (2010), “a memória é flutuante, ela é feita de lembranças e de esquecimentos dessas lembranças” (p. 103). Nestes esquecimentos estão as dormências que durante anos podem ficar inativas e com uma fotografia como foi o caso da atividade acima relatada, despertar o reservatório em que ficaram agregadas as lembranças, ressentimentos, raivas, angústias, dentre tantos outros sentimentos que passam a ser revisitados, num processo de reflexão que pode levar a (re) apropriação de um vivido.

“Os encontros me deram a oportunidade de refletir sobre minha infância! Aspectos que não pareciam ter importância para mim até aquele momento, hoje são importantíssimos” (M.). “Consegui através dos exercícios resgatar muito mais de mim” (M.R.). “Através da dinâmica proposta, foi possível enxergar com outros olhos, aqueles momentos adormecidos na minha memória, vistos agora de uma forma mais significativa na minha vida” (C.R.).

Pelos fragmentos acima é possível perceber que o trabalho realizado proporcionou um reflexão a partir de uma experiência vivida, num âmbito (auto)formativo. Por meio da escrita das acadêmicas constata-se que a arte, neste caso, a arte teatral, revela-se como outro caminho para abordar as histórias de vida na formação de professores. A narrativa de si através de gestos resultou em um despertar de memórias adormecidas que foram revividas no ato teatral.

Considerações

Trabalhar o corpo na formação de professores possibilitou explorar a história de vida de cada estudante por um viés que extrapola apenas a palavra e engloba o gesto, as imagens, as expressões, os sentimentos, as ações, dentre outros elementos. Isto afirma a necessidade de considerar o corpo como elemento fundamental na formação do ser humano.

Foi possível perceber pelas manifestações e escrita das acadêmicas envolvidas nos trabalhos propostos que o corpo tem voz e que conforme vamos escutando-o abrimos espaço para todo um reservatório de imagens, lembranças, sentimentos, sensações que compõe a

história de cada ser humano que se disponibiliza a viver um processo de aproximação e exploração das potencialidades do seu corpo e sua corporeidade.

Dos experimentos realizados surgiram três indícios pontuais: a) o corpo como motor de visibilização da memória escolar presentificou gestos, sentimentos e lembranças. b) de que o corpo tem uma memória e é possível acioná-la; c) a possibilidade de abordar a dimensão biográfica do corpo como um dos elementos a fazer parte da formação humana do professor.

Nas experimentações acima relatadas é possível perceber a carência e ao mesmo tempo um interesse por um trabalho que aborde o corpo e sua dimensão biográfica na formação de professores. A partir do momento que se constatou que é possível acionar a memória do corpo a partir de um trabalho com a linguagem teatral, surgiu a necessidade da realização de uma pesquisa de campo, tendo como foco a linguagem teatral, por um período de tempo mais longo, bem como, a necessidade de trabalhar minuciosamente o conceito de Corpo Biográfico, fazendo as devidas aproximações no campo da Educação. E também, colocar em foco o imaginário para compreender como o ser humano, a partir de suas heranças ancestrais e de sua relação com o meio, assimila grafias, sentidos e saberes, que invariavelmente formam os repertórios e representações, direcionando uma forma de ser, estar e agir no mundo.

Para finalizar é necessário dizer que tais indícios contribuíram para pensar a Tese de Doutorado em andamento, bem como, a metodologia de pesquisa, fortificando a necessidade de investir na dimensão biográfica do corpo no contexto formativo e também evidenciar o imaginário como elemento fundamental nesta abordagem.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Miguel Amir L. de Araújo. Os sentidos do Corpo. In: CABEDA, Sonia T. Lisboa, CARNEIRO, Virgínia B., LARANJEIRA, Denise Helena P. **O corpo ainda é pouco** – II Seminário sobre a contemporaneidade. Feira de Santana, BA: NUC/UEFS, 2000.

BOIS, Danis. **O Eu Renovado** – introdução à somato-psicopedagogia. São Paulo: Idéias & Letras, 2008b.

BOIS, Danis; AUSTRY, Didier. A emergência do paradigma do sensível. In: **Revista @mbienteeducação** - Volume 1 - Nº 1 - Jan/Julho 2008 - São Paulo

BOIS, Danis; RUGIRA, Jeanne Marie. Relação com o corpo e narrativa de vida. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.) **Autobiografias, Histórias de Vida e Formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre, RS/Salvador, Bahia: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006.

DELORY-MOMBERGER. Christine. Álbuns de fotos de família, trabalho de memória e formação de si. In: VICENTINI, Paula Perin; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto

(orgs). **Sentidos e potencialidades e usos da (auto)biografia.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

_____. **Biografia e Educação** – figuras do indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-180.

JOSSO, Marie-Christine. A Imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas. In: PERES, L.M.V., EGGERT, E.; KUREK, D. L. (orgs.) **Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas (auto) formadoras.** São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livro, 2009.

LIMA e SILVA, Iris; ALMEIDA, Ana Cristina M. T. de; ROMERO, Elaine; BERESFORD, Heron. Percebendo o Corpo que Aprende: Considerações Teóricas e Indicadores para Avaliação da Linguagem. In: **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.,** Rio de Janeiro, v.12, n.45, p. 995-1012, out./dez. 2004, p. 995 – 1012.

NUNES, Lúcia de Fátima Royes. **Álbum de família:** História de vida de Olga Reverbel. Santa Maria, RS. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

PERES, Lúcia Maria Vaz; ZANELLA, Andrisa Kemel (orgs.). **Escritas de Autobiografias Educativas – O que dizemos e o que elas dizem?** 1ª Ed. Curitiba, PR: CRV, 2011.

QUERÉ, Nadine. Os vestígios da experiência – Para uma compreensão da engramagem corporal da história individual: o caminho de ressonância de um choque. In: BOIS, Danis; JOSSO, Marie-Christine; HUMPICH, Marc (orgs.). **Sujeito sensível e renovação do eu** – as contribuições da Fasciaterapia e da Somato-psicopedagogia. São Paulo: Paulus, Centro Universitário São Camilo, 2008.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola.** Série: Pensamento e Ação no Magistério. Porto Alegre. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

RODRIGUES, Márcia B. F. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. In: **Revista de História da UFES.** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais, n. 17, 2005, p. 213-221.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. In: **Cadernos Cedes,** ano XXI, no 53, abril/2001, p. 69-83.